

Uma mudança de paradigma

por FÉLIX GUATTARI

tradução por Felipe Shimabukuro

Abstract

Unpublished intervention by Félix Guattari at the panel "Critical analysis of the medical model and epistemological bases for new practices" at the Third Meeting of the Latin American Network of Alternatives to Psychiatry held in Buenos Aires, Argentina, from 17 to 21 December 1986. The original typewritten text is kept at the Institut Mémoires de l'édition contemporaine [IMEC] under the coast GTR.14.28. We warmly thank the Guattari family and IMEC for allowing us to publish this document.

Especificamente no campo “psi”, coloca-se a questão de uma mudança de paradigma das práticas sociais em relação ao modelo médico; mas de um modo mais geral ela remete também à evolução dos procedimentos de modelização da subjetividade capitalística.

Ora, não é fácil avaliar essa evolução pois ela parece tomar direções divergentes. As sociedades capitalísticas – esse vocábulo englobando tanto os países capitalistas ocidentais e o Japão quanto os países do socialismo de Estado e do Terceiro Mundo, cuja economia está fortemente integrada ao mercado global – produzem massivamente, podemos dizer industrialmente, uma subjetividade individual e coletiva cada vez mais sujeitada a suas próprias instâncias de poder. Uma das características do último período consiste no fato de que o capitalismo conseguiu colocar totalmente a seu serviço as novas tecnologias da informática e comunicação para reforçar seus sistemas de regulação e controle, de modo a integrar às suas engrenagens de forma cada vez mais estreita não apenas a força coletiva de trabalho, mas igualmente a inteligência, a sensibilidade e até mesmo os sonhos e desejos de cada indivíduo. Uma segunda característica fundamental da produção atual de subjetividade capitalística reside no fato de que ela é correlativa de uma reativação, acentuação, multiplicação e extensão a todo planeta dos sistemas interiorizados de segregação, hierarquização e culpabilização.

Por outro lado, não se pode negar que o desenvolvimento de meios tecnológicos em que esse novo tipo de capitalismo assenta sua hegemonia, favorece paralelamente a eclosão de inúmeras aspirações ao conhecimento, à criatividade e, correlativamente, à conquista de novos espaços de liberdade. De fato, a expansão prodigiosa de revoluções informáticas, robóticas, telemáticas, de *engineering* genético, etc., está transformando diante de nossos olhos e de modo irreversível as relações do homem com seu semelhante

e também com seu meio-ambiente, seu corpo, seu trabalho, seus objetos culturais, estéticos...

Nessas condições, toda fixação ou veleidade de retorno às antigas estruturas sociais, às antigas formas de viver, só poderia ser uma ilusão e, simetricamente, todo *forcing* revolucionário *à la* Pol Pot para purificar a subjetividade coletiva através da força, só poderia ser rejeitado de modo irremediável. Quaisquer que sejam a impaciência e nostalgia histórica de certos ativistas nessa matéria, eles terão que participar de lutas sociais e movimentos de liberação que mudaram irremediavelmente de natureza. Mesmo quando a repressão imperialista ainda os força, como em certos países da América Central, a recorrer às formas tradicionais de militantismo e luta militar, tais movimentos serão paralelamente conduzidos a levar cada vez mais em conta aquilo que chamei de “revoluções moleculares”, relativas à emancipação das mulheres, ao racismo e às aspirações de minorias de todos os tipos...

Os acontecimentos recentes acabaram de nos trazer na França uma confirmação dessa evolução. Após o período sombrio que nosso país atravessou durante aproximadamente uma década, após a passividade e a desmoralização dos defensores do progresso social, após o cinismo triunfante do neoliberalismo e do pós-modernismo, um movimento potente acaba de surgir, movimento cujos principais protagonistas foram os estudantes, os secundaristas e os jovens imigrantes. É preciso enfatizar que a entrada em cena dessas categorias da população perturbou e assustou ainda mais os partidos reacionários pelo fato de que ela foi realizada com um espírito de seriedade, maturidade, realismo, preocupação com a verdade e uma recusa das manipulações da mídia de massa, elementos que rompem, é preciso dizê-lo, com as práticas anteriores.

Portanto, é tendo como pano de fundo o contraste entre uma produção de subjetividade capitalística cada vez mais alienada e um desenvolvimento de novos modos marginais e dissidentes de subjetivação, que nossa questão da mudança de paradigma no campo dito da saúde mental se encontra posicionada, mudança que, para simplificar, qualificarei de passagem de um paradigma técnico-científico (ou que se pretende como tal, pois, na maioria das vezes, ele é somente tecnocrático e imbuído de um positivismo em desuso), a um paradigma ético-estético, ou seja, que implique uma responsabilidade moral, um engajamento micro-político, convocando, em torno de cada caso concreto, de cada situação particular, uma atitude criativa que reportarei ao tema genérico de re-singularização das praxis. Os quadros de referência da vida social estão profundamente abalados e foi-se o tempo em que podiam coexistir de modo duradouro e relativamente estável categorias com status bem estabelecidos, com funções, vantagens e privilégios bem definidos por um lado, marginalidades crônicas bem estabilizadas, compostas por pessoas auxiliadas pela assistência social e renegados pela normalidade dominante por outro lado. De agora em diante, no planeta inteiro, o conjunto do *socius* está sendo sacudido por aquilo que chamarei de uma febre de precarização. Nada mais está garantido para além do curto prazo. Uma parcela cada vez maior das populações está

definitivamente condenada ao desemprego ou, de acordo com o continente, à miséria total ou até mesmo à fome. Cada nova geração vê seu futuro esvair-se numa indefinição cada vez mais densa. Mesmo os trabalhadores assalariados, designados como “garantidos” pelos operaístas italianos, mesmo os funcionários públicos e os executivos veem seu status ameaçado pelos sobressaltos que se seguem aos abalos tecnológicos e perigos resultantes de estratégias do capitalismo global. Também seria preciso evocar o destino dos idosos, cujas condições materiais e morais não param de se degradar. Mas nós não terminaríamos de enumerar as devastações que incidem sobre os antigos modos de subjetivação, que são frequentemente acompanhados, aliás, por uma espécie de crispação coletiva conservadora, por uma reterritorialização nos sinais exteriores da antiga ordem social, antigos valores morais e religiosos. Contentemo-nos aqui em destacar que as marginalidades tradicionais se veem prolongadas, se me permitem dizer, em sua contestação potencial da organização social presente, pela ascensão de todas estas novas categorias de “renegados” que são expelidos pela evolução atormentada, para não dizer catastrófica, das estruturas capitalísticas.

Naturalmente encontraremos essa problematização da fixidez dos quadros de referência no estatuto cognitivo dos sistemas de norma. Assim, há uns quinze anos ainda parecia evidente fixar a normalidade fisiológica ou mental na natureza das coisas, através de códigos genéticos ou em invariantes estruturais. O exemplo que pessoalmente mais me afetou é o da psicanálise, com Jacques Lacan e sua tentativa de dar conta da vida do inconsciente ignorando seus conteúdos significados e a recentralizando inteiramente em torno dos “matemas” universais que regem as cadeias significantes. Disso só podia resultar uma prática realmente seca, barrando à experiência analítica a entrada de componentes semióticos que escapam das estruturas de tipo linguístico, cortando literalmente suas conexões com o campo social e a tornando incapaz de apreender as flutuações históricas da produção de subjetividade.

Todas essas formas conservadoras de pensar e agir estão sendo pouco a pouco substituídas por outras que levam mais em conta os aspectos da finitude e da criação singular dos processos psíquicos e que redescobrem a polivocidade e heterogeneidade dos componentes semióticos e maquínicos que entram na composição efetiva de seus agenciamentos de enunciação. É por isso que se procura hoje todo um pensamento da auto-referência e dos processos distantes do equilíbrio, pensamento do qual podemos presumir que acabará nos retirando realmente dos anos de chumbo do estruturalismo e do pós-modernismo.

A partir de então, o respeito pelas compartimentações disciplinares que governam ainda hoje a abordagem das questões de assistência e tratamento, será cada vez menos legítimo. Que me baste evocar simplesmente o absurdo de tais fatiamentos profissionais quando aplicados à pessoa de um drogado. É óbvio demais que, nesse tipo de ‘caso’, categorias biológicas, psiquiátricas, psicanalíticas, psico-sociais, etc., se chocam em cadeia e sem dó! Não se trata de negar a importância dos saberes ou subestimar o papel das

técnicas ao reconhecer que elas só podem adquirir seu alcance efetivo se forem inseridas de modo apropriado nos agenciamentos sociais que oferecem aos indivíduos diretamente afetados a possibilidade de se reapropriar de uma parcela notável de sua responsabilidade pelo próprio destino. Portanto, o problema se desloca: ele não consiste mais na mera prescrição de antídotos em função de um código pré-estabelecido ou no fornecimento de interpretações inspiradas mas, antes de tudo, no fortalecimento coletivo dos elos do *socius*.

Eu estou apenas indicando superficialmente e de modo impressionista alguns temas relativos às práticas de assistência que se situam fora do paradigma médico. Para concluir, gostaria de acrescentar algumas palavras sobre nossa Rede de Alternativa à Psiquiatria. Franco Rotelli tinha realmente razão de enfatizar que ela não devia ater-se a uma mera atitude reivindicativa acerca do estado atual da psiquiatria, a qual os doentes mentais continuam a ser submetidos, contra a sobrevivência monstruosa de hospitais psiquiátricos carcerários, mas que lhe cabia igualmente experimentar novas modalidades de produção de subjetividade. É nisso que suas investigações e experiências de campo a levarão inevitavelmente a ultrapassar o quadro geralmente atribuído à psiquiatria e a meter seu nariz um pouco por toda parte em que algo inovador acontece nesse campo. Desse ponto de vista, repito, a situação na Europa é bastante complexa. Felizmente, graças ao dinamismo redescoberto na experiência de Trieste, a Rede conseguiu atravessar sem problemas o rumo dos anos mais duros de congelamento social e cultural que varreu nosso continente. Também foi necessário para nós realizar o trabalho de luto de nossos dois grandes amigos Franco Basaglia e David Cooper, cuja morte, vocês podem muito bem imaginar, devia ter somente consequências afetivas! Mas agora, em conexão com novas tentativas na Grécia, na Iugoslávia e na Espanha, a Rede vê abrir-se diante de si perspectivas animadoras. No entanto, estou convencido de que tais perspectivas exigirão de nós cada vez mais um trabalho de concertação, reflexão e pesquisa. Sem dúvida na América latina os problemas se colocam de modo diferente. Eles têm em geral um caráter de maior urgência, eles são mais massivos, mais dramáticos. Eles convocam a constituição de amplas frentes de luta para denunciar certas situações de impasse. E eu estou convencido de que iniciativas concretas surgirão desse amplo encontro, que tornou-se possível graças à tenacidade e à dedicação de nossos amigos argentinos, iniciativas concretas que darão início a transformações profundas na psiquiatria desse continente. No entanto, acredito que isso não deveria de modo algum levá-los a adiar a implementação por sua própria conta de programas de formação e pesquisa. Caso contrário, aquilo que vocês terão conquistado no campo das relações de força institucionais, vocês o perderão novamente em um nível operacional pelo fato de haver uma falta de preparo para combater de modo eficaz os dogmas e técnicas reducionistas veiculadas pelas universidades, escolas de psicanálise, teóricos sistêmicos da terapia familiar, entre tantos outros...

(C) Fonds Guattari/Imec 2018